

Museu Municipal da Vida Subaquática e da História Submersa (M.M.V.S.H.S.): uma vocação

Maria Luísa Pinheiro Blot*

O Museu Municipal da Vida Subaquática e da História Submersa (M.M.V.S.H.S.) nasceu da vontade de reunir e dar visibilidade a um conjunto de colecções que se encontravam dispersas no Centro Português de Actividades Subaquáticas (CPAS) da Universidade de Aveiro, que é o seu responsável.

Resumo

O Museu que apresentamos é uma novidade museológica em criação. Nasceu de um conjunto de colecções reunidas no Centro Português de Actividades Subaquáticas ao longo de quase cinco décadas de doações de peças por mergulhadores. O conjunto permite hoje a criação de um espaço museológico especializado, cujo tratamento pressupõe o conhecimento da actual compreensão que a arqueologia do meio aquático tem permitido relativamente aos testemunhos submersos das actividades humanas do passado.

As colecções de Arqueologia existentes, se por um lado apresentam as dificuldades de constituir conjuntos de espécies que foram removidas dos respectivos contextos sem a preocupação de registo nem interpretação arqueológicos, por outro lado proporcionam a possibilidade de uma apresentação museográfica empenhada na divulgação de um todo representado pelos vestígios dos gestos humanos em meio aquático: os vários tipos de sítios arqueológicos.

Dentro da tipologia dos arqueossítios relacionados com o meio aquático, além de um dos sítios submarinos da estação arqueológica de Tróia, provável sítio de fundeadouro romano do Sado relacionado com a actividade industrial romana de Tróia, as colecções do MMVSHS, representam igualmente sítios de naufrágio de época pós-medieval localizados no estuário do Tejo e ainda sítios de naufrágio pós-medievais localizados em Cabo Verde e em Cuba.

Résumé

Le Musée que nous présentons se trouve actuellement en cours de création et constitue sur le plan muséologique une nouveauté face à l'ensemble des musées du Portugal.

Ce Musée est né d'un ensemble de collections conservées dans le premier centre de plongée amateur du Portugal, le CPAS. Ces collections proviennent de plusieurs sites archéologiques du monde de l'eau. Elles ont été réunies par des plongeurs amateurs à un moment où l'archéologie sous-marine, en tant que discipline scientifique, n'était pas encore en place au Portugal.

Cet ensemble permet la muséalisation de thèmes archéologiques spécifiques, caractéristique qui en fait un musée spécialisé, en dépit du fait que les objets aient été retirés de leur contexte sans une méthode archéologique préalable.

La présentation muséographique prévue a pour but la divulgation de l'ensemble représenté par ces témoins des gestes humains du passé conservés au fond de la mer.

Sur le plan de la typologie des sites archéologiques du monde de l'eau, les collections en cause nous parlent dans un cas d'un site sous-marin correspondant peut-être à un mouillage ancien en relation directe avec le complexe industriel d'époque romaine de Tróia. Dans un autre cas ces collections représentent des sites de naufrages d'époque post-médiévale situés dans l'embouchure de l'estuaire du Tage, aux îles du Cap Vert et à Cuba.

que se realizaram na costa portuguesa, e que se destinavam ao comércio de escravos, de metais preciosos e de especiarias. Ainda que o seu destino final fosse o Brasil, muitas destas rotas passavam por Portugal, e é de esperar que os naufrágios que ocorriam ao longo das costas portuguesas fossem numerosos. No entanto, só recentemente é que se iniciou uma investigação sistemática dos naufrágios que ocorreram ao longo das costas portuguesas, e que se destinavam ao comércio de escravos, de metais preciosos e de especiarias. Ainda que o seu destino final fosse o Brasil, muitas destas rotas passavam por Portugal, e é de esperar que os naufrágios que ocorriam ao longo das costas portuguesas fossem numerosos. No entanto, só recentemente é que se iniciou uma investigação sistemática dos naufrágios que ocorriam ao longo das costas portuguesas, e que se destinavam ao comércio de escravos, de metais preciosos e de especiarias. Ainda que o seu destino final fosse o Brasil, muitas destas rotas passavam por Portugal, e é de esperar que os naufrágios que ocorriam ao longo das costas portuguesas fossem numerosos.

1. A definição do Museu Municipal da Vida Subaquática e da História Submersa

1.1. Vocaçao do Museu e conhecimento das colecções

O Museu actualmente em criação tem origem no acervo doado pelo Centro Português de Actividades Subaquáticas à Câmara Municipal de Lisboa para criação de um Museu, segundo decisão que consta em acta camarária de 1969.

A sua vocação define-se de acordo com as colecções que lhe deram origem: peças arqueológicas provenientes quer de sítios de naufrágio quer de sítios arqueológicos costeiros, e ainda conchas marinhas, corais, espongiários e briozoários.

Pelas colecções que o formam, a vocação deste Museu proporciona um programa científico que inclui a representação e a divulgação de conteúdos disciplinares como a Arqueologia do Meio Aquático, propondo-se uma total interligação com a Biologia Marinha, a Climatologia e o conhecimento dos Oceanos e ainda da Geomorfologia dos litorais.

O MMVSHS apresenta-se como um porta-voz possível da recente vertente da arqueologia que estuda globalmente as materialidades, náuticas ou não, sempre relacionadas com a utilização humana dos espaços litorais e com o mundo da água, ou seja, a Arqueologia do Meio Aquático.

1.2. Colecções de Arqueologia

As colecções de arqueologia incluem peças de cerâmica, de vidro, metais, e uma pequena colecção de objectos em matéria orgânica.

Das peças que são testemunhos directos de navegações da Antiguidade existe um conjunto de cepos de âncora de época romana, assim como elementos líticos de âncoras de tradição mediterrânea pré-romana.

Os conjuntos de cerâmicas de época romana são provenientes do sítio subaquático conhecido por “fundão de Tróia”. Constituídos essencialmente por material anfórico, compreendem também outras peças, nomeadamente cerâmica comum de construção, de uso doméstico e de uso industrial.

As ânforas representadas ligam-se a transportes marítimos dos habituais produtos que circulavam na antiguidade: vinho, azeite e produtos da indústria piscícola.

Entre as ânforas vinárias existentes nas colecções, distinguimos as formas do tipo Haltern 70, (Bética, datável de finais do séc. I a.C. a meados do séc. I d.C.), Dressel 2/4 (Itália Campânia, de meados do séc. II a.C. a inícios do séc. I a.C.), Gaulesa 3 (Gália Narbonense, séc. I d.C.), e Gaulesa 4 (Gália Narbonense, de meados do séc. I ao séc. III) (Diogo, 1994).

Relativamente à ânforas oleárias, existem os tipos Dressel 20 (Bética, datável do séc. I ao séc. III d.C.) e Dressel 23 (Bética, datável de finais do séc. III ao séc. IV ou V d.C.) (Sciallamo e Sibella, 1994).

As ânforas piscícolas presentes nas colecções, segundo estudo efectuado recentemente por A. M. Dias Diogo, estão representadas pelos seguintes tipos:

- Beltrán IIA (Bética, séc. I a inícios do séc. II d.C.)
- Beltrán IIB (Bética, séc. I ao séc. II d.C.)
- Dressel 17 (Bética, séc. I d.C.)
- Almagro 51C, ou Lusitana 5 (Lusitânia, de finais do séc. III - IV a início do séc. V d.C.)

Ainda entre as ânforas piscícolas de fabrico lusitano, A. M. Dias Diogo distinguiu as formas: Lusitana 2 (Dressel 14 b, do séc. I-II d.C.), Lusitana 5b (finais do séc. II) (Diogo, 1990) e Lusitana 12 .

De origem africana, e fazendo também parte do conjunto piscícola, existem fragmentos da forma Mañá C2 b ou Dressel 18 (Marrocos, de finais do séc. II a.C. a séc. I d.C.) e Keay V ou Africana Grande.

Das colecções de cerâmica antiga fazem ainda parte alguns fragmentos de peças em *terra sigillata* que provêm igualmente do “fundão de Tróia”, entre as quais um fragmento de bordo de *sigillata* clara D com motivo decorativo de lebre deitada (Norte de África, datável do séc. III a IV d.C.) (identificação por A. M. Dias Diogo, Junho de 1999).

Efectivamente têm ocorrido em Tróia descobertas submarinas de muitos materiais de época romana tanto nos níveis submersos das praias fluviais da estação arqueológica de Tróia, como no chamado “Fundão de Tróia” (Cardoso, 1978), a profundidades da ordem dos 20 e 25 metros, onde o material anfórico é abundantíssimo e muito rolado, mas cuja fragmentação nos sugere mais um local de rejeição de vasilhame. A interpretação deste sítio é complexa pela dupla possibilidade de se tratar de um local de rejeição, quer a partir da praia fluvial contígua ao complexo industrial romano cujos vestígios vão sendo continuamente sujeitos à erosão fluvial, quer de objectos atirados pela borda fora de embarcações estacionadas em possível ancoradouro fronteiriço.

Nesse caso podem corresponder a um fundeadouro em zona de carga e descarga de vasilhame piscícola, uma vez que Tróia terá desfrutado de um porto de escoamento industrial bem especializado, e fronteiro ao centro urbano vizinho, *Caetobriga*, na margem direita do Rio Sado, pontos simétricos de escoamento das produções de todo o complexo portuário formado pelos pequenos embarcadouros do Sado situados em áreas periféricas, nas margens do curso inferior do Sado, quer produzindo manufaturas de exportação (produtos piscícolas de que são testemunhos as *cetariae*), quer o vasilhame adequado (fornos de ânforas localizados no actual estuário e no paleoestuário do Sado).

Se uma parte destes materiais se encontra no Museu do Mar de Cascais e foram objecto de publicação (Cardoso, 1978), muitas outras peças foram inicialmente recolhidas em 1973 por mergulhadores amadores do CPAS, a pedido e com o apoio do então MNAE (Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia), e também em posteriores visitas de membros do CPAS ao local. Estas são actualmente a parte do acervo do Museu a que nos referimos. Estes materiais foram já parcialmente estudados por A. M. Dias Diogo, estando prevista a publicação dos resultados desse estudo com a colaboração deste Museu.

No que concerne os materiais provenientes de sítios de naufrágio, as colecções compreendem um conjunto sincrónico de faianças portuguesas datáveis da primeira metade do século XVII provenientes de sítios aparentemente isócronos, de naufrágio, localizados no antigo ancoradouro da Cidade da Praia, em Cabo Verde.

A colecção de peças provenientes deste sítio inclui ainda outros artefactos tais como missangas em pasta de vidro, "malungas" ou argolas utilizadas para acorrentar escravos, alguns elementos em bronze provenientes de instrumentos de navegação, e materiais normalmente existentes a bordo tais como balas de mosquete e metralha, em chumbo.

Outro conjunto de peças, quer materiais náuticos (cavilhame náutico em cobre), quer orgânicos (peles de animais como elementos de carga de navio), provém de um sítio de naufrágio localizado no estuário do Tejo, próximo da Trafaria, e datável dos finais do século XVIII ou início do século XIX.

Do acervo deste Museu faz ainda parte um pequeno conjunto de peças de época pós-medieval (crucifixos, elementos de sextante e de armas brancas) provenientes de sítios de naufrágios localizados nas costas da ilha de Cuba.

As colecções arqueológicas existentes sugerem a interpretação dos testemunhos disponíveis segundo leituras diversificadas que proporcionem uma divulgação dos saberes a ele ligados – arqueologia do meio aquático, arqueologia urbana em cidades do litoral, arqueologia portuária, arqueologia naval – segundo uma perspectiva interdisciplinar, e tendo como objectivo a educação mediante a valorização de um património por vezes pouco acessível ou menos conhecido.

1.3. Prioridade das tarefas em curso

Tendo em consideração as competências dos museus, torna-se à partida imprescindível considerar os vários momentos de evolução como etapas de crescimento que irão proporcionar a totalidade das competências da instituição que se pretende criar.

Deste modo, o estudo preliminar da totalidade das colecções (conhecimento das espécies existentes, identificação dos testemunhos, avaliação do estado de conservação), tendo como objectivo a sua conservação, e posteriores interpretação e divulgação, permite a organização progressiva de um sistema de inventário, registo e documentação apto a garantir o acesso à informação disponível e a gestão do espólio a partir do cruzamento de informação.

2. Estratégias de divulgação

Em face da actual instalação provisória da totalidade das colecções na sede do C.P.A.S., e sem a possibilidade imediata de abertura ao público, foi concebida uma estratégia de divulgação das temáticas que o próprio Museu nos sugere.

Essa divulgação dirige-se essencialmente às escolas, com a criação de maletas pedagógicas e de uma exposição que apresentará os vários tipos de arqueossítios relacionados com o meio aquático (Blot, 1988), exposição esta que, por ser concebida com a exibição de módulos didácticos transportáveis, terá a vantagem de ser itinerante.

2.1. Maletas pedagógicas

O primeiro protótipo, que se encontra já em fase de construção, intitula-se Imersão, Arqueologia Subaquática e Biologia Marinha, e é uma introdução às temáticas do Museu concebida segundo uma visão interdisciplinar da progressão do conhecimento, quer na área da Arqueologia, quer na área da Biologia Marinha.

Esta progressão é apresentada em total articulação com o progresso da técnica que permitiu o acesso dos cientistas ao fundo do mar: a Imersão.

A criação de futuras maletas pedagógicas prevê o tratamento das seguintes temáticas:

- História do litoral - geomorfologia costeira e utilização humana dos espaços ribeirinhos
- O barco como objecto de investigação - arqueologia naval
- O passado portuário no subsolo urbano - arqueologia urbana em contextos paleolitorais
- Os tipos de arqueossítios testemunhos de uma ancestral relação do Homem com a Água

2.2. Boletim informativo

Criado durante a Primavera de 1999, existe um primeiro exemplar, N.º 0, e está em preparação o N.º 1. A frequência do Boletim procurará ser sazonal.

Os destinatários deste Boletim abrangem um público vasto, apesar da colaboração de investigadores especializados nas áreas que proporcionam as temáticas do Museu.

2.3. Exposições

A título de experiência relativamente ao potencial temático do Museu, foi construída nas instalações do CPAS uma pequena exposição intitulada "Imersão: um percurso histórico" que permitiu, se bem que a uma escala bem modesta, uma apresentação da interdisciplinaridade possível na exibição das colecções do Museu.

Preparamos actualmente uma exposição no Padrão dos Descobrimentos para apresentação do potencial temático e museológico do Museu.

A orçamentação e realização desta exposição temporária de apresentação-informação pública do potencial de representação e divulgação de conteúdos disciplinares do futuro Museu, pressupõe uma triagem prévia de espécies significativas e uma opção por estratégias de comunicação imaginativas, com predominância da imagem bi-dimensional e tri-dimensional.

3. Interacção do M.M.V.S.H.S. com outros museus portugueses com existência de peças arqueológicas provenientes de meio aquático

Como espaço museológico especializado, entendemos dever o MMVSHS garantir a apresentação temporária de peças ou de colecções provenientes de outros museus cuja vizinhança com cursos fluviais ou com o litoral marítimo lhes tenha proporcionado a presença de materiais passíveis de articulação com as temáticas que pretendemos apresentar.

Será uma maneira de proporcionar a sua divulgação de modo especializado, inserindo essas peças num quadro geral do território português como um cenário contínuo e numa perspectiva diacrónica da interacção humana com o meio aquático.

O MMVSHS, apenas temporariamente instalado no CPAS, carece de instalações próprias, e aguarda a abertura, por parte da Câmara Municipal de Lisboa, da possibilidade de organização de uma equipa de apoio, assim como a definição, no âmbito dos serviços da C.M.L., de colaborações científicas de apoio à classificação de espécies do museu.

Bibliografia

- BLOT, J-Y.(1988) – *Archéologie Sous-Marine.* Paris: Arthaud.
- BLOT, J-Y e BLOT, M. L. P. (1990-1992) – De la glaciation de Würm aux derniers temps de la marine à voile: Éléments pour une carte archéologique du patrimoine immergé au Portugal. *O Arqueólogo Português.* Lisboa. S. 4, 8/10, p. 425-454.
- BLOT, M. L. P. (1999) – Do mergulho amador à arqueologia do meio aquático. *Boletim do M.M.V.S.H.S.* Lisboa. N.º 0.
- CARDOSO, G. (1978) – Ânforas romanas no Museu do Mar (Cascais). *Contimbriga.* Coimbra. 17, p. 63-78.
- DIOGO, A. M. D. (1990) – Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português.* Lisboa. S. 4, 5, p. 179-191.
- DIOGO, A. M. D. (1994) – As Ânforas, contentor vinícola privilegiado da Antiguidade. In *Uma Imagem do Vinho.* Lisboa: Instituto Superior de Agronomia. Catálogo da exposição.
- DIOGO, A. M. D. e FARIA, J. C. (1990) – Fornos de cerâmicas romanas no vale do Sado. Alguns elementos. In Alarcão, A. e Mayet, F., dirs. – *Ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio.* Coimbra, 1988. Paris: E. de Boccard. p. 173-186.
- ETIENNE, R. (1990) – Que transportaient donc les amphores lusitanienes?. In ALARCÃO, A. e MAYET, F., dirs. – *Ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio.* Coimbra, 1988. Paris: E. de Boccard. p.15-19.
- ETIENNE, R. et MAYET, F.(1997) – La place de Tróia dans l'industrie romaine des salaisons de poisson. (*Itinéraire Industriel et Maritime*). In *Itinéraires Lusitaniens.* Paris: E. de Boccard. p. 195-208.
- FABIÃO, C. (1996) – O comércio dos produtos da Lusitânia transportados em ânforas do Baixo Império. In *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado.* Actas das 1^a Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado, Seixal, 1991. Lisboa: D. Quixote. p. 334-338.
- MAYET, F. (1998) – Contribuição da arqueologia subaquática para o estudo do comércio romano. *Al-madan.* Almada. II série, 7, p. 83-87.
- SCIALLANO, M. e SIBELLA, P. (1994) – *Amphores. Comment les identifier?* Aix-en-Provence: Edisud.

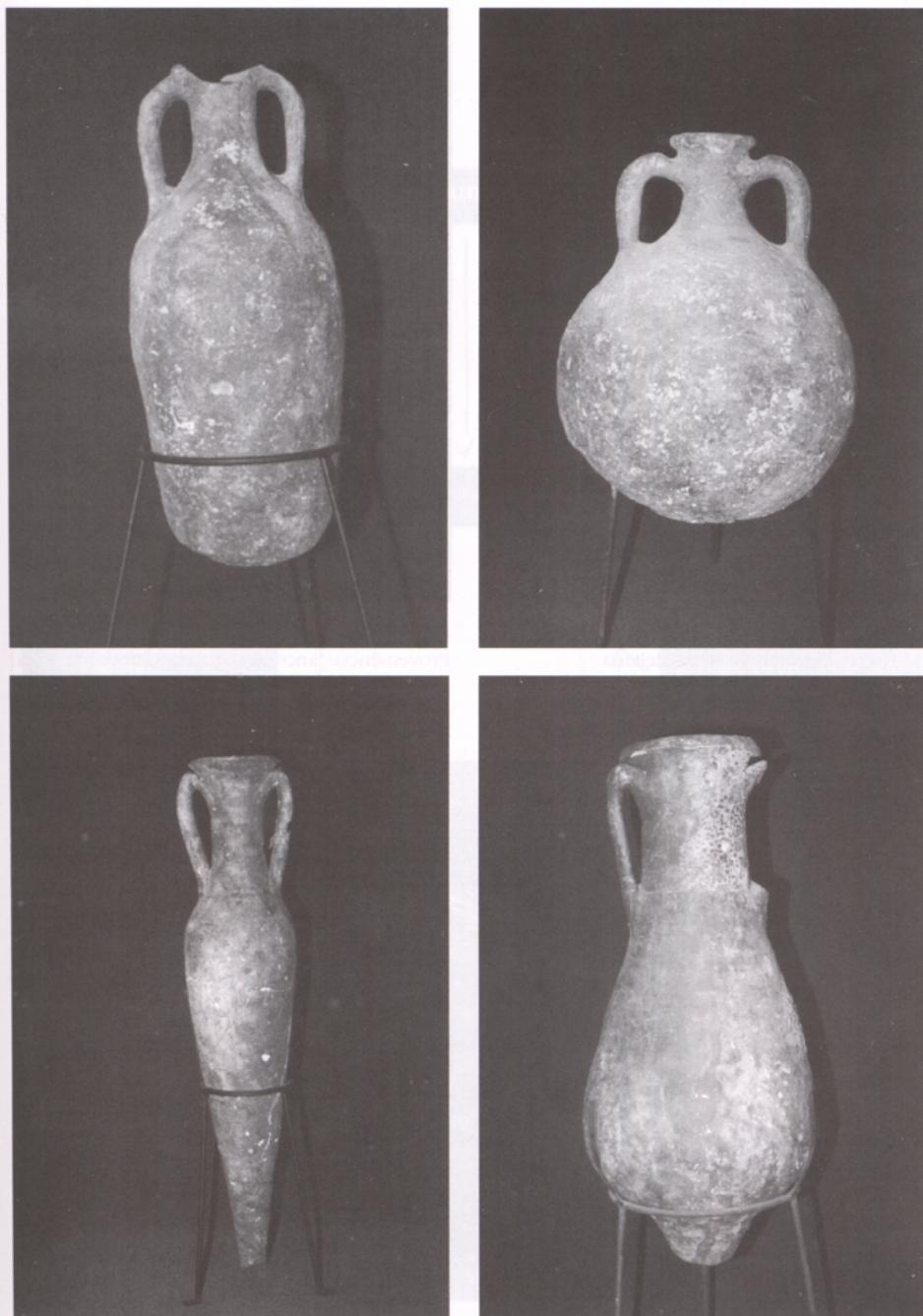


Fig. 1 – 1- Ânfora vinária do tipo Haltern 70. 2 - Ânfora oleária do tipo Dressel 20. 3 - Ânfora piscícola do tipo Dressel 17. 4 - Ânfora piscícola do tipo Beltrán IIA. Proveniência: sítio subaquático do Fundão de Tróia. Fotografias de H. Trovão (CPAS).

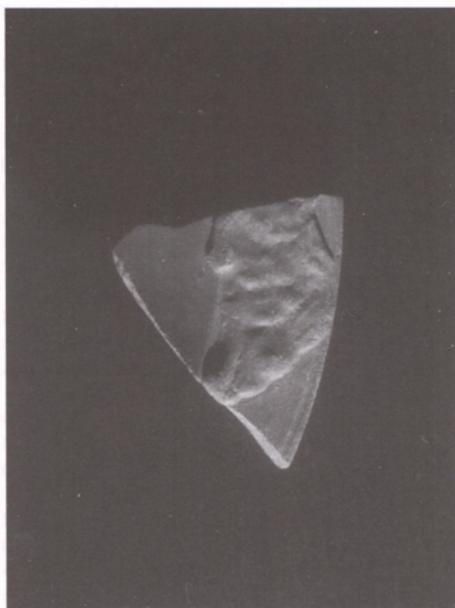


Fig. 2 – Fragmento de bordo de *Sigillata* clara D. Motivo decorativo: lebre deitada
Proveniência: sítio subaquático do Fundão de Tróia. Fotografia de M. L. Blot (MMVSHS).



Fig. 3 – Prato de faiança peninsular século XVII.
Proveniência: ancoradouro da Cidade da Praia, Cabo Verde. Fotografia de P. Jesus (CPAS).



Fig. 4 – Prato de faiança portuguesa século XVII. Proveniência: ancoradouro da Cidade da Praia, Cabo Verde. Fotografia de C. Ricardo (CPAS).

Arqueologia em Construção – uma experiência museológica

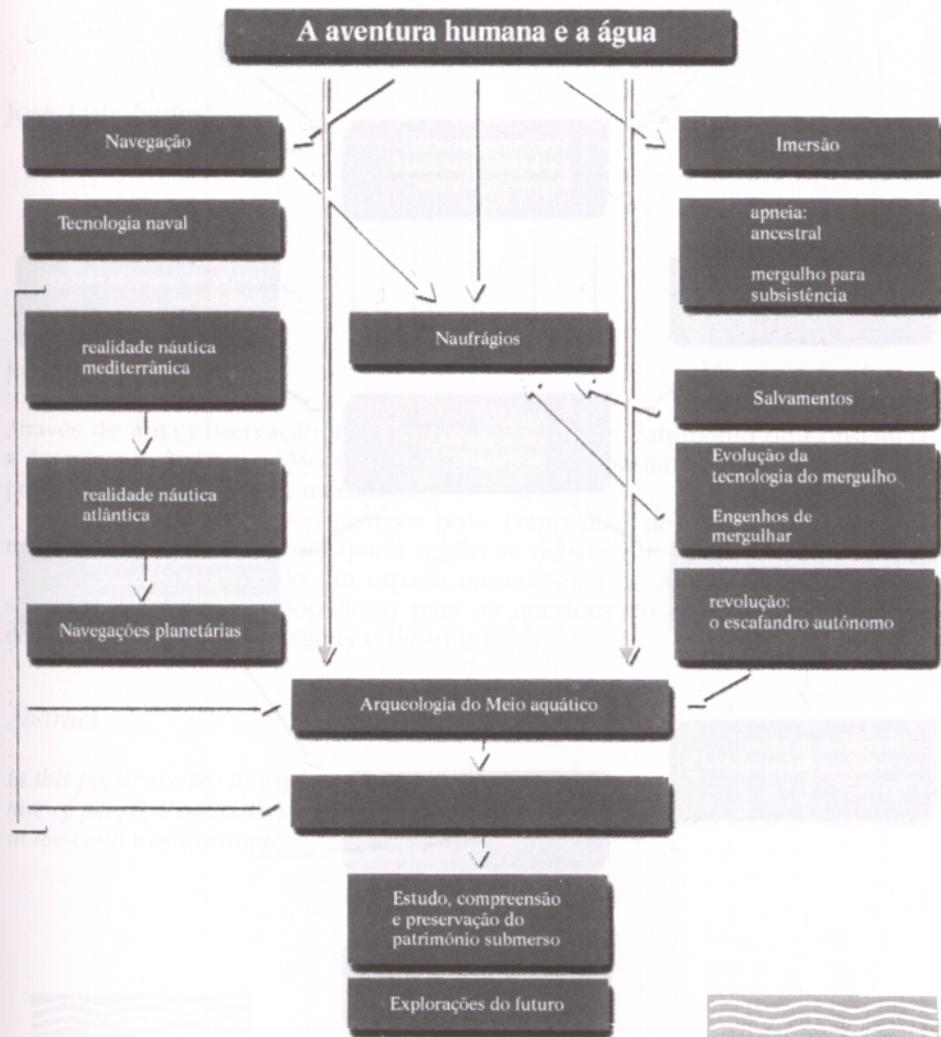


Fig. 5 – Potencial temático do MMVSHS

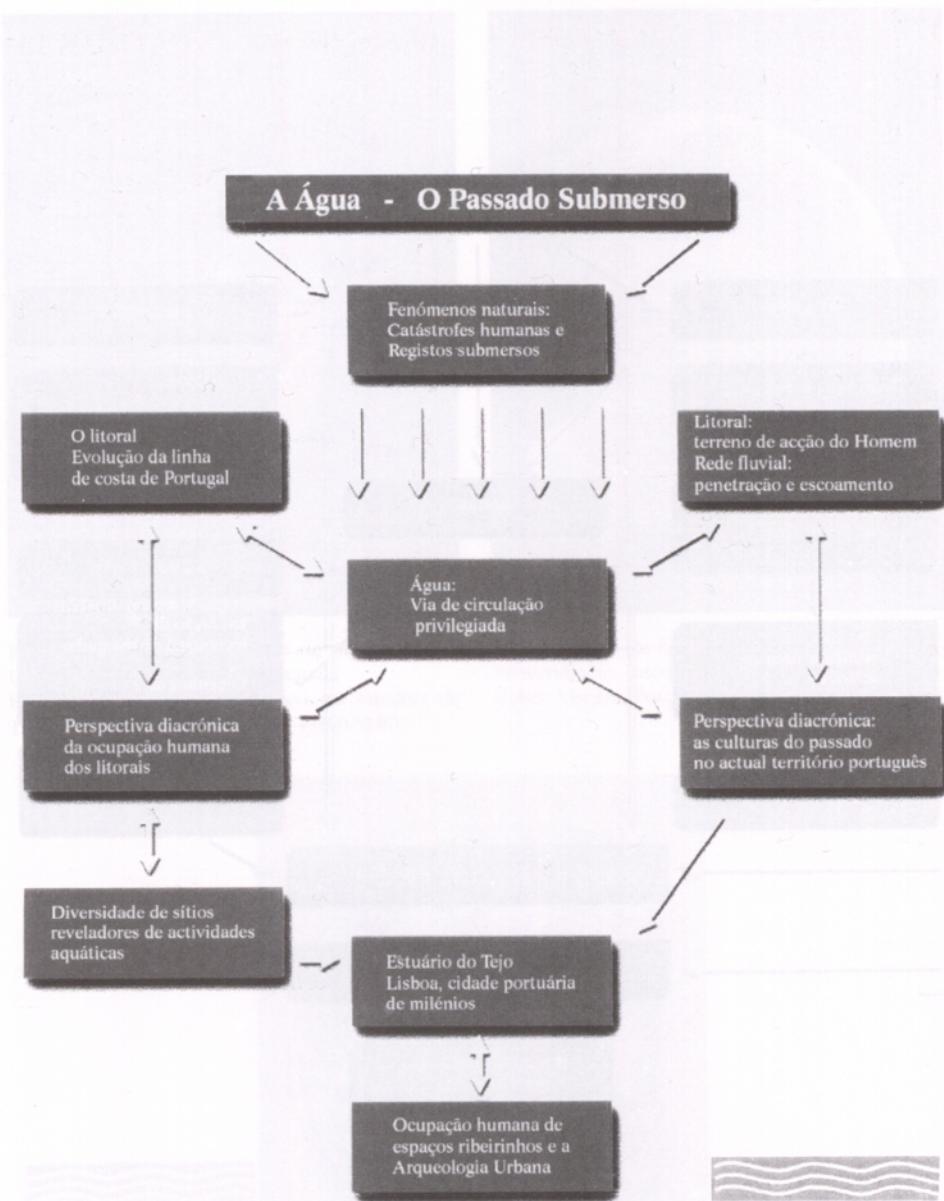


Fig. 6 – Potencial temático do MMVSHS